

Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no contexto brasileiro

*Reflections on the Triangular Approach
in Primary School of Visual Arts in the
Brazilian context*

THARCIANA GOULART DA SILVA* & JOCIELE LAMPERT**

Artigo completo submetido a 15 de maio de 2016 e aprovado a 21 de maio de 2016.

*Brasil, artista visual e professora, estudante de mestrado. Licenciatura em Artes Visuais, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

AFILIAÇÃO: Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Avenida Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi, Florianópolis – SC, 88035-001, Brasil. E-mail: tharcianagoulart@gmail.com

**Brasil, professora universitária e artista visual. Doutora em Artes Visuais, ECA/USP; Mestre em Educação, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bacharelado e Licenciatura em Pintura, UFSM.

AFILIAÇÃO: Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Avenida Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi, Florianópolis – SC, 88035-001, Brasil. E-mail: jociel slampert@uol.com.br

Resumo: Este artigo apresenta considerações sobre a Abordagem Triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa e sua relevância como teoria para o Ensino Básico de Artes Visuais brasileiro. A Abordagem ancora-se em três pontos: Ler, Fazer e Contextualizar, e propõe aproximação da experiência em Arte, na qual o contexto do educando é tomado com relevância. Desse modo, amplia as visões sobre códigos históricos e sociais.

Palavras chave: Abordagem Triangular / Ensino das Artes Visuais / experiência / contextualização.

Abstract: *This article presents considerations about the Triangular Approach systematized by Ana Mae Barbosa and its relevance as a theory for the Primary School of Visual Arts in Brazil. This approach is anchored at three points: Reading, Doing, and Contextualizing, and proposes approximation of experience in Art, in which the student's context is taken with relevance. Thereby it broadens the view of historical and social codes.*

Keywords: *Triangular Approach / Teaching of Visual Arts / experience / contextualization.*

Um olhar sobre a Abordagem Triangular

As artes visuais, como disciplina no ensino básico brasileiro, permeou ao longo da história diferentes nomenclaturas e fases conceituais, abarcando diversos desdobramentos metodológicos frente ao ensino/aprendizagem.

No período modernista, propunha-se a inclinação ao espontaneísmo, à expressividade como algo sem referências diretas às imagens da História da Arte. A imagem era negligenciada e as relações emocionais prevaleciam sobre os exercícios e experiências artísticas realizadas em prol da expressividade “*pura*” do educando, em que se primava pela “*originalidade*”.

Já no Pós-modernismo, Ana Mae Barbosa, percebendo o contexto modernista de recusa ao ensino crítico e reflexivo, inicia o processo de sistematização da Abordagem Triangular, que se ancora sobre o Ler, Fazer e Contextualizar, pressupondo um pensamento articulado, no qual o contexto do educando é tomado com relevância frente ao conteúdo ensinado.

Dessa forma, a Abordagem Triangular torna-se, concretamente, de teoria a indicações para possíveis caminhos metodológicos. Assim, como conhecimento e cultura ela instaurou reflexões epistemológicas ao criticar as concepções modernistas de educação em arte.

1. Abordagem Triangular: uma teoria para o Ensino de Artes Visuais

A pesquisadora e professora Ana Mae Barbosa, refletindo sobre a democratização do conhecimento em arte vinculado a uma educação descontextualizada, percebeu a relevância de conhecer o processo histórico do ensino no Brasil e no mundo para intervir no mesmo conscientemente.

Com base em seus estudos, Ana Mae Barbosa, no final da década de 80, por

meio de reflexões sobre o contexto modernista e seguindo os ensinamentos de Paulo Freire (2010) de recusa à colonização hegemônica, sistematizou, a partir de vivências no Festival de Campos do Jordão (São Paulo, Brasil, 1983), um posicionamento teórico-metodológico, conhecido como Metodologia Triangular, Proposta Triangular, ou ainda Abordagem Triangular. Barbosa, em seu livro *A imagem no ensino da arte* (2014), relata sobre o festival, onde já se objetivava ir além das imagens canonizadas da História da Arte percebendo-se a iconografia presente na sociedade e rompendo assim com a questão de virgindade expressiva. A Abordagem Triangular se referiu à melhoria do ensino de arte, tendo por base um trabalho pedagógico integrador, em que o fazer artístico, a análise ou leitura de imagens (compreendendo o campo de sentido da arte) e a contextualização interagem ao desenvolvimento crítico, reflexivo e dialógico do estudante em uma dinâmica contextual sociocultural.

Desse modo, dos anos 90 em diante, avançou-se nas reflexões sobre arte e seu ensino principalmente na educação básica. Há, nesse contexto, uma busca incessante por novas metodologias e abordagens de ensino e aprendizagem de artes nas escolas, que visam à construção do conhecimento, da percepção, da imaginação e da capacidade crítica e inventiva não somente do estudante, mas sobretudo do professor.

Posteriormente ao Festival de Campos do Jordão, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP, onde Ana Mae foi diretora de 1987 a 1993), é onde a Abordagem Triangular é denominada e colocada em prática. Seu emprego nesse período inicial também se deu no Projeto Arte na Escola, juntamente às professoras Analice Dutra Pilar e Denyse Vieira, nesse momento ainda com a nomenclatura de Metodologia Triangular. Mais tarde, devido a problemas semânticos (que geraram problemáticas conceituais), inicia-se a utilização das denominações Proposta Triangular e Abordagem Triangular. Entre estas, Barbosa elege Abordagem Triangular (Barbosa, 2010:11).

Metodologia é uma concepção que deve ser desenvolvida pelo professor. Não exige uma estrutura rígida ou uma “receita prévia”. No entanto, devido à terminologia, a Abordagem Triangular foi vista inicialmente como um indicador metodológico. Assim, é preciso salientar que a Abordagem não se trata de um modelo ou método, mas corresponde aos modos como se aprende, e que, por metodologia, entende-se o que cada professor realiza como ação em suas aulas e práticas de ensino e não como vinculação teórica — até porque vinculações teóricas mudam, são mescladas e alteradas de acordo com o contexto no qual estamos. Assim, torna-se relevante perceber que:

A Abordagem Triangular não serve para quem quer um manual, nem tem caráter prescritivo. Requer o espírito livre, a disciplina investigativa e a disposição corajosa para perceber o que se anuncia ao longo dos passos no caminho [...] (Machado, 2010:79).

Por meio da percepção crítica de ensino da arte, compreende-se que é papel do campo de conhecimento das artes visuais gerar novas problemáticas e tendências aos sistemas de produção e recepção: tencionar acesso, gestar a produção, divulgação, legitimação e circulação do conhecimento, não de informação apenas. Somente assim será possível impulsionar formas de aprendizagens autônomas e colaborativas centrando na indagação ou questionamento em dinâmicas contextuais. O que se busca é compreender a forma como se constituem o efeito de sentido, ou como se dá significado às coisas no mundo em que vivemos.

A partir dos anos 80 a teoria social crítica passou a se tornar parte do discurso da educação e da arte pós-moderna, alimentando o crescimento de perspectivas sociais e da representação cultural da arte. No Brasil, no fim da década de 80, o Museu de Arte Contemporânea da USP teve sua política cultural pautada em vertentes interterritoriais, tornando-se pioneiro nas referências sobre o discurso de abarcar diferentes culturas, sem privilegiar, mas entendendo um diálogo constante de aprendizado.

Dessa forma, a Abordagem Triangular nas Artes Visuais torna-se de fundamental relevância para a transfiguração cultural do discurso político e social. Além disso, trouxe reflexões para as práticas educativas em escolas, museus, comunidades ou espaços não acadêmicos.

2. A relevância da contextualização e experiência para o Ensino: relações entre a tríade

A Abordagem Triangular possibilita diferentes caminhos dentro dos âmbitos que a envolvem, do Fazer, Ler e Contextualizar. A imagem do triângulo permite ao professor escolher em qual das pontas iniciará seu trabalho. Por isso, é uma abordagem dialógica. Sua potência está na relação entre a tríade que permite reordenação da prática docente. Assim, não deve ser tomada como um passo a passo. Isso seria perder suas significações em um vazio. Segundo a autora, “[...] trata-se de uma abordagem flexível. Exige mudanças frente ao contexto e enfatiza o contexto” (Barbosa, 2010: 10).

Uma das questões trazidas pela teoria da Abordagem Triangular foi o uso da imagem em sala de aula, o qual era negado no ensino modernista. Considerava-se que a imagem da História da Arte e da Cultura Visual (imagens do

cotidiano) exerciam influências não desejadas sobre o trabalho do educando, esquecendo-se da relevância da leitura crítica e do conhecimento possível por meio da análise e produção de imagens.

Em uma entrevista concedida no ano de 2015, Barbosa coloca:

E o artista, o que faz? Eu parti um pouco dessa pergunta e do que estava no ar no Pós-modernismo. E o que estava no ar era a importância da imagem. Portanto, negar a imagem na sala de aula era um absurdo total, como se fazia. O aluno poderia desenhar, pintar, fazer uma instalação, fotografar, ver as fotografias de seus colegas, mas não poderia ver as fotografias de um Sebastião Salgado, de um Cartier Bresson. Por quê? Porque havia o medo, o terror da cópia (Barbosa, entrevista pessoal, 16 de novembro de 2015).

A teoria da Abordagem Triangular nos faz refletir que é viável que se pense sobre o que é uma imagem. Ou ainda, como pensar a imagem das coisas e a imagem de nós mesmos. Conforme Novaes (2005:11), “o desvelar de uma imagem está na própria etimologia da palavra *theoría*. Derivada da fusão de *théa* (“visão”, “olhar”) e *ora* (“desvelo”)”. Dessa forma, para tecer um olhar crítico/estético, é preciso que se pense em atos que levem à compreensão.

Se não sabemos ver, é certamente porque a visibilidade não depende do objeto apenas, nem do sujeito que vê, mas também do trabalho de reflexão: cada visível guarda uma dobra invisível que é preciso desvendar a cada movimento (Novaes, 2005:11).

Possibilitar o questionamento e análise sobre imagens em sala de aula trata-se de uma questão de democratização do saber, e assim, superação do que estava em voga, e que ainda, muitas vezes, é percebido de forma recorrente no contexto escolar. Compreender a imagem na contemporaneidade é exercer reflexão sobre o olhar para o contexto em que se vive, e assim, das visões e leituras de mundo.

A leitura de imagem e o fazer artístico (o qual desenvolve cognição e aprendizado) também evidenciam a potência da contextualização, que propõe que se parta do real, dos lugares e vivências dos quais já se tem conhecimento, o que não significa restringir o ensino apenas ao cotidiano dos educandos, mas propiciar a consciência de subjetividade revelando o multiculturalismo dos códigos estéticos de diferentes grupos, e não apenas propiciando uma educação colonizadora, vedada perante os acontecimentos socioculturais. Para Barbosa,

na Abordagem Triangular, ela é uma coisa absolutamente imprescindível. Para viver no mundo, para estar no mundo, você tem que se contextualizar e contextualizar

aquilo que você vive, aquilo que você conhece, enfim. Então, a gente vive dependendo dos contextos para tomar posição, e educação é contexto (Barbosa, entrevista pessoal, 16 de novembro de 2015).

Ana Mae Barbosa, compreendendo a relevância da contextualização, propõe também a percepção da Abordagem Triangular como um zigue-zague, que perpassa pelo fazer-contextualizar-ver-contextualizar. Construindo essa nova imagem que, no ir e vir, retorna ao contextualizar. É notar a pertinência da contextualização para o Ensino, para a compreensão do fazer e ler/ver. Essa contextualização não se refere somente à História da Arte, ao viver do artista e à construção dos seus processos criativos, mas demonstra a relação entre arte, vida e tempo. Tal relação não acontece em um sentido restrito, pois propõe reflexões sobre os códigos estéticos, políticos e culturais.

Desse modo, Ana Mae Barbosa, com a sistematização da Abordagem Triangular, propôs uma aproximação da experiência em arte, que esta fosse pertinente, desenvolvendo a cultura e a Arte / Educação. Por meio da leitura da imagem, na qual o que se percebe não passa somente pelo apreciar e expressar, e sim é criticado e contextualizado juntamente a um fazer, é onde o ensino das artes cumpre seu papel político capaz de propiciar transformações sociais diante das significações visuais presentes na contemporaneidade, significações em que perpassam as imagens artísticas e do cotidiano, pois partem do pressuposto de arte liberdade (Dewey, 2010; Freire, 2011).

O filósofo John Dewey (2010) instaurou reflexões sobre a filosofia da arte como experiência. Para o autor, a experiência faz parte do nosso cotidiano. Deve ser percebida e criticada, e, quando proporcionada de modo singular, torna possível a experiência consumatória, que é significada de modo diferenciado das experiências incipientes, pois estas nos passam despercebidas, não nos tocam e não produzem sentido em sua especificidade. Desse modo, o fazer por fazer (ênfático no modernismo e criticado pela Abordagem Triangular) torna-se facilmente uma experiência incipiente por não contribuir de maneira reflexiva sobre o aprendizado em artes visuais. Segundo Dewey, “A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver” (2010:109). Ou seja, sendo assim, somente delineando uma relação com o cotidiano (o mundo real, contextualizado), torna-se possível a construção do pensamento prático/teórico, da experiência, do conhecimento, relevante para a educação básica, pois não se caracteriza por um findar, mas uma consumação.

Abarcando a prática contemporânea do professor/artista, perspectiva que

pressupõe a contextualização do próprio fazer, enquanto artista e professor de artes visuais, podemos também refletir sobre os processos de expressão. O fazer, tanto para o artista que experiencia como para o professor que propõe, quando é meramente técnico, livre de uma ideia ou poética, tornam-se algo pronto, mecânico, que não perpassa as singularidades, e tangenciando um estereótipo trazem a questão da incipiência. Do mesmo modo que uma ideia sem técnica não se desenvolve, pois carece dos modos de expressão. No entanto, quando o professor / artista em suas práticas pensa como um investigador científico, associando a prática criativa e pedagógica com a ação intelectual e relacionando o que foi feito com o que está por vir, pode perpassar e propiciar uma experiência singular / estética.

Desse modo, percebemos que a experiência singular é um processo de aprendizado, de revisitar o passado, os saberes. Esta perpassa o ir e vir do sujeito reflexivo se opondo à memorização e à mecanização. A teoria de John Dewey, imbuída na Abordagem Triangular, denota então a preocupação de Barbosa no que se refere à aprendizagem das artes visuais de maneira contextualizada, da relação entre a Leitura e o Fazer. Assim, compreendemos que o ensino / aprendizagem contextualizado pode também partir do professor / artista que, ao exercitar seu pensamento plástico visual, conhece mais sobre si enquanto sujeito que cria.

3. Conscientização da relevância do Ensino Básico de Artes Visuais

A Abordagem Triangular, desde sua sistematização, demonstrando seu valor, vem propiciando reflexões no ensino de arte visuais sobre o mundo no qual se vive e suas visualidades, pensamento que deixa intrínseco a relação de arte e vida e sua potencialidade transformadora. Desse modo, rompendo com as ideias modernistas, demonstra que a arte não parte apenas de um apreciar ou da livre expressão, mas propõe relação entre cultura, conhecimento, fruição e cognição.

Conscientização da relevância do ensino básico crítico de artes visuais é um dos alcances da Abordagem. Pois os processos de Ler, Fazer e Contextualizar significados pelo professor, em acordo com seu planejamento e contexto sociocultural de seus educandos, propicia a docência reflexiva, que expande além da situação escolar, possibilitando relações amplas ancoradas nos saberes dos educandos.

Desmistificar os processos de produção e incentivar a leitura de imagens por meio da Abordagem Triangular contemporânea (ou pós-moderna) do ensino da arte é questionar-se sobre os códigos hegemônicos, desenvolvendo sujeitos críticos perante as visualidades que os rodeiam. As imagens possuem potencial interpretativo, podem nos influenciar até mesmo sem que possamos

notar. O ensino básico das artes visuais possibilita a percepção crítica, e assim, interpretativa, que procura ir além das influências que estas podem e buscam exercer sobre nós.

Assim, a Abordagem Triangular propõe que as possibilidades de construção do conhecimento da educação básica não são alcançadas por meio de imposição, mas através do diálogo contextual e experiências pautadas na singularidade.

Referências

- Barbosa, Ana Mae (2014) *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva. ISBN 978-85-273-0047-6.
- Barbosa, Ana Mae; Cunha, Fernanda Pereira da (Orgs.). (2010) *A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez. ISBN 978-85-249-1664-9.
- Dewey, John (2010) *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes. ISBN 978-85-61635-54-1.
- Freire, Paulo (2011) *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. ISBN 978-85-7753-163-9.
- Machado, Regina Stela (2010) "Sobre mapas e bússulas: apontamentos a respeito da abordagem triangular." In: Barbosa, Ana Mae; Cunha, Fernanda Pereira da (Orgs.). *A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez. ISBN 978-85-249-1664-9.
- Novaes, Adauto (Org.) (2005) *Muito além do espetáculo*. São Paulo: Senac. ISBN: 8573594144.